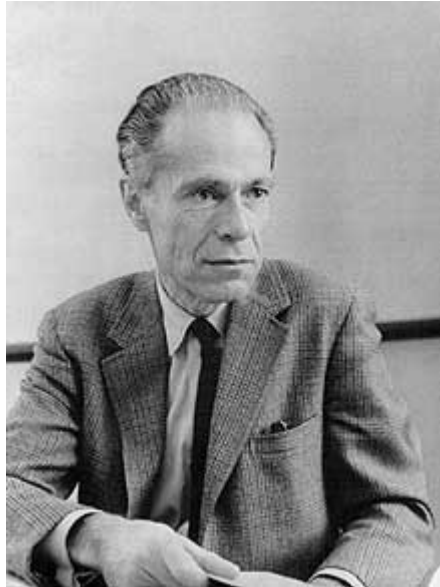


HOMENAGEM

ALBERT HIRSCHMAN (1915-2012)

Leila de Menezes STEIN¹



[...] a história não se baseia no ator racional da teoria econômica, mas num elemento de caráter bem menos desenvolvido. Tais tipos humanos são superiores ao ator racional na medida em que concebem estados de felicidade, são capazes de transcender um para atingir outro e escapar, assim, do tédio de viver com base num único estável conjunto de preferências [...] (HIRSCHMAN, 1983, p. 124).

Albert Hirschman nasce em Berlim na Alemanha no ano de 1915 no perturbado período que antecedeu a 1ª GM. Deixa-nos em 10 de dezembro de 2012, ano passado, com 97 anos de vida. Intensa vida, pautada na integridade e na busca da auto compreensão sobre as decisões dos indivíduos enquanto cidadãos e uma reflexão sobre ela. Não se recusou a participar intensamente dos desafios políticos de seu tempo, nem sempre amenos e conformistas.

Viveu e trabalhou em diversos ambientes e meios sociais, desde os discrepantes 1º Mundo e Colômbia nos anos 50, de países nazistas totalitários a países democráticos, desde a vida militante e na clandestinidade a uma vida aberta e protegida. Estas vivências díspares foram objeto de profundas reflexões que serviram de pano de fundo para suas investigações sobre os sentidos das ações humanas. Este percurso da vida humana, oscilando como um

¹ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Sociologia. Araraquara- SP - Brasil. 14800-901 – leilastein@terra.com.br

pêndulo entre interesses particulares e interesses públicos, seria seu tema predileto, colocando em relevo as contraditórias relações entre ambos.

Talvez por isso mesmo se possa afirmar que uma de suas mais importantes contribuições teóricas, a nosso ver, reside numa singular abordagem para uma filosofia da história. Conforme penso, através de sua perspectiva é possível compreender o processo histórico procedendo a uma conservação do papel do ator social e de suas intenções iniciais, sem buscar na interpretação dos resultados deste mesmo processo histórico o sentido inerente àquele de suas ações pretéritas. Tomar uma posição e escolher um caminho não implica em conseguir vitórias duradouras. Ou mesmo alcançar os resultados pretendidos.

Hirschman (1979, p.14) afirma que:

[...] retratar uma mudança prolongada ou uma transição ideológica como um processo endógeno é mais complexo do que descreve-lo como a ascensão de uma nova ideologia insurgente, concebida independentemente, à qual coincide com o declínio de uma ética até então dominante. Uma descrição desse tipo envolve a identificação de uma sequência de idéias concatenadas, cuja consequência final não é necessariamente desvendada aos defensores dos elos individuais dessa cadeia, ao menos aos primeiros estágios do processo, pois eles poderiam estremecer e rever seu pensamento se tivessem conhecimento do fim último para o qual suas idéias se encaminhariam [...]

Suas reflexões estão voltadas para a compreensão da impossibilidade de encontrar uma avaliação tipo custo e benefício no que se refere às ações coletivas. Elas vão muito além do que uma mera visão econômica dos processos sociais e das intenções de seus atores. Como avaliar o que foi perdido ou ganho num processo social ou movimento social? Como avaliar responsabilidades?

Conforme Hirschman (1983, p.98):

[...] essa característica essencial de participações em ações coletivas voltadas para o bem comum permite identificar de imediato, a limitação da visão econômica. A confusão entre lutas e conquistas implica o desaparecimento da distinção precisa entre custos e benefícios da ação de interesse público, pois a luta que deveria ser lançada no lado dos custos passa a fazer parte dos benefícios [...]

A obra de Albert Hirschman é um fértil e intenso legado teórico biográfico ainda não explorado e que nos reserva algumas surpresas. Certamente é o caso de uma biografia sobre ele, recém-lançada nos Estados Unidos, escrita por Jeremy Adelman (2013) seu colega na Universidade de Princeton. Kenneth Maxwell (2013) em artigo publicado recentemente sobre

sua morte, tece alguns comentários sobre o livro de Adelman (2013) e revela importantes e desconhecidos traços da trajetória da vida pública de Albert Hirschman.

Hirschman raramente falava de seu passado. Adelman revela os detalhes. Nascido em Berlim, em 1915, filho de uma família judia de classe média alta, deixou a Alemanha em 1933, ingressou no POUM - grupo anarquista em Barcelona - durante a Guerra Civil Espanhola e, no processo, perdeu qualquer simpatia pela União Soviética. Em 1939, alistou-se no exército francês. Em 1940, de Lisboa, ajudou Marc Chagall, Marcel Duchamp e Hannah Arendt, entre outros judeus, a escapar dos nazistas. Depois, trabalhou nos Estados Unidos para a OSS, a organização que precedeu a CIA. (MAXWELL, 2013).

Interessante, ainda, citar um outro depoimento de alguém que conviveu com ele, ainda que menos intensamente. José Serra enquanto professor visitante no *Institute for Advanced Study*, em Princeton, pode conhecer pessoalmente Hirschman². Nesse artigo cita dados de sua trajetória pública, também ignorados até esse momento, contribuindo para formar um quadro mais preciso de sua biografia, o que certamente explica o papel destacado que a ideologia – a militância e o assumir uma posição - ocupa em suas formulações e em sua vida. Deve-se lembrar a importância que atribui à decepção ou ao encanto no processo individual de formulação e de tomada de decisões pelos indivíduos diante dos dilemas colocados por sua vida cotidiana pública e privada.

Conforme Serra (2013):

Depois da derrocada da França diante da Alemanha e desfeito o exército francês, que ele integrava, passou a viver clandestinamente em Marselha, sendo peça chave de um grupo que organizava a fuga de artistas e intelectuais judeus para as Américas. Dois mil homens e mulheres foram salvos nessa operação. Entre eles, Mark Chagall, Andre Breton, Daniel Bell, Marcel Duchamp e sua conterrânea Hanna Arendt, que estava refugiada em Paris. Descoberto, Hirschman escapou e fugiu para os EUA, instalando-se na Universidade de Berkeley. Com a entrada desse país na guerra, alistou-se no exército americano e foi para a África do Norte e a Europa.

A vivência do nazismo em Berlim, onde residia, o totalitarismo e a irracionalidade da repressão, os caminhos do genocídio e o início da Guerra Civil Espanhola (1935 a 1939) o levaria a optar pela adesão ao Partido Operário de Unificação Marxista - POUM – e ingressar

² Conforme Serra (2013): “[...] Na década dos 70, depois de concluir meu doutorado na universidade de *Cornell*, convivi com ele durante dois anos no *Institute for Advanced Study de Princeton*. Ele como integrante permanente da escola de Ciência Social, eu como membro visitante. Muitos anos depois, em 2003, passei outro ano no *Institute*, convidado para fazer algumas palestras. Também ao seu lado. Hirschman foi à guerra, convenci-me, porque, adicionalmente, tinha horror visceral, pessoal, à estupidez, ao autoritarismo e à injustiça. O homem de ação era o complemento necessário do estudioso [...]”

no contingente dos *Partisans*³ para participar da defesa da 2ª República Espanhola. Diante das pendências da geopolítica, a política das grandes potências caminharia na direção de isolamento e abandono do exército republicano, o que acabaria por resultar em sua derrota militar (ORWELL, 2006).

REFERÊNCIAS

ADELMAN, J. **Wordly philosopher: the odyssey of Albert O. Hirschman**. Princeton: Princeton University Press, 2013.

HIRSCHMAN, A. **Das atividades privadas para a esfera pública: do consumidor ao cidadão**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

_____. **As paixões e os interesses: argumentos políticos a favor do capitalismo antes de seu Triunfo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MAXWELL, K. Albert Hirschman. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 mar. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/kennethmaxwell/1253465-hirschman.shtml>>. Acesso em: 12 set. 2013.

ORWELL, G. **Lutando na Espanha**. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

SERRA, J. Navegando contra o vento. **Revista Veja**, Rio de Janeiro, ed. 2327, ano 46, n.26, 19 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.joseserra.com.br/archives/artigo/navegando-contra-o-vento>>. Acesso em: 12 set. 2013.

³ Os *partisans* foram contingentes de militantes da esquerda internacional que aderiram às forças republicanas na Espanha, integrando à luta contra o facismo. Essas brigadas dirigiam-se às frentes de batalha, ou a outras formas de apoio, com destino a Barcelona, capital da 2ª República e centro da defesa da democracia contra a monarquia espanhola. A monarquia, com sede em Madrid, tinha a frente do poder o general Francisco Franco. Defendendo a monarquia e o colonialismo retrógrado de Espanha, comandava as milícias fascistas e as forças armadas, apoiados pela Alemanha. Militantes de diversas nacionalidades aderiram a essa a democrática e república, entre elas brasileiros, a exemplo de Carlos Marighela e Apolônio de Carvalho. Comunistas, anarquistas, trotskistas e outras correntes mobilizaram-se também e dirigiram-se para Catalunha, entre os quais o inglês George Orwell.